Sobre Raça e Miscigenação do ponto de vista católico

Por Mendel

Uma publicação de Kreuzfahrer

Prefácio

Muitos católicos na internet foram levados a acreditar que a defesa de sua própria raça e a oposição à miscigenação são pecaminosas e não estão de acordo com o ensinamento católico. Isso é especialmente comum hoje em dia, com as atitudes sociais atuais e a perda de identidade racial no Ocidente, que coincide com sua destruição. Mesmo na maioria dos círculos católicos tradicionalistas, a opinião predominante é de condenação e desprezo para com católicos como eu, que desejam proteger sua raça. Nunca afirmei que minha salvação está garantida pelo meu QI, estrutura óssea ou pigmentação da pele, nem neguei que outras raças sejam capazes de alcançar a salvação eterna por meio da Igreja. Tive que lidar com católicos que consideram minhas opiniões razoáveis como pecaminosas e sem caridade, ao mesmo tempo em que enfrento pessoas de grupos como o “Christian Identity” que acreditam que estou errado e sob influência judaica por não limitar o alcance da misericórdia e salvação infinitas de Deus apenas ao meu próprio povo.

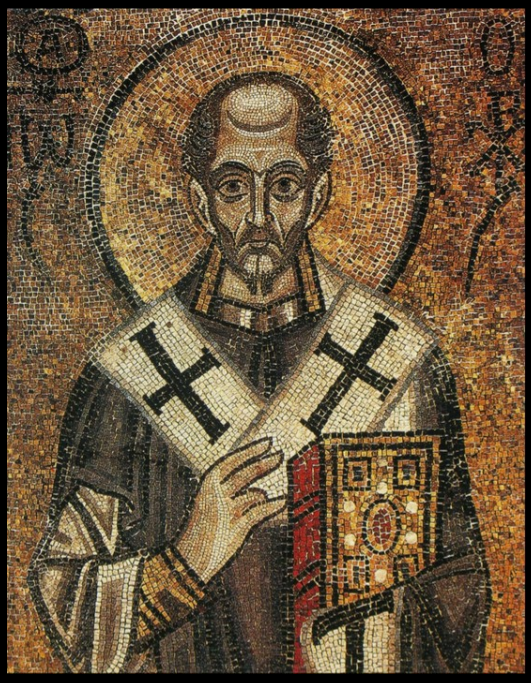
De fato, manter uma consciência racial enquanto se permanece católico é uma tarefa difícil na era atual, cheia de erros como o Liberalismo, o Marxismo e a igualdade. No entanto, provarei que não estou sozinho em meu racialismo e na minha posição contrária à miscigenação, conforme o ensino católico. A cosmovisão racialista da terceira posição está, sim, alinhada com o ensinamento da Igreja. No entanto, quero deixar claro: eu NÃO promovo ódio racial.

Reuni uma coletânea de trechos e citações de vários teólogos, santos e prelados católicos sobre a questão do realismo racial e da miscigenação. Muitos “e-Católicos” que se dizem estudiosos da

teologia desconhecem as declarações de Santo Agostinho ou mesmo de São Tomás de Aquino sobre raça. Espero que aprecie essa coletânea, e certamente adicionarei mais a ela, como faço com meus outros artigos, à medida que o tempo passa e encontro mais fontes.

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

São João Crisóstomo sobre 1 Timóteo V,8



No Novo Testamento, em 1 Timóteo V,8, encontramos o seguinte versículo:

“Mas, se alguém não tem cuidado dos seus, especialmente dos da sua casa, negou a fé e é pior que um infiel.”

São João Crisóstomo inicia seu comentário sobre esse versículo fazendo referência ao profeta Isaías:

“Se alguém não provê aos seus, especialmente aos de sua casa, isto é, àqueles que lhe são próximos por parentesco, é pior que um infiel. E assim diz Isaías, o chefe dos profetas: ‘Não deves negligenciar os teus parentes da tua própria linhagem.’ Pois se um homem abandona aqueles que estão

unidos a ele pelos laços do sangue e da afinidade, como será ele afetuoso com os demais?”

É evidente que, se alguém não ama seus próprios parentes, seu povo/raça, como amará outros que lhe são mais distantes? São João Crisóstomo então explica que o parentesco é “de Deus” e que temos a obrigação de fazer o bem “uns aos outros” em função disso:

“Foi desígnio de Deus, ao nos unir pelos laços de parentesco, nos oferecer muitas oportunidades de fazermos o bem uns aos outros. Quando, portanto, negligencias um dever que até os infiéis cumprem, não terás tu negado a fé? Pois não é fé apenas professar crença, mas realizar obras dignas da fé.”

Fazer o bem à nossa própria linhagem ou raça está, portanto, ligado à nossa fé, pois a fé está ligada às obras.

Santo Agostinho sobre Gálatas

O versículo “Não há judeu nem gentio” (Gálatas III,28-29) no Novo Testamento tem sido amplamente deturpado por igualitaristas e por aqueles que promovem a chamada “igualdade”. Santo Agostinho explica com perfeição que esse versículo não elimina as diferenças raciais e genéticas carnais entre os diversos povos:

“A diferença de raça, de condição ou de sexo é de fato removida pela unidade da fé, mas permanece incorporada em nossas interações mortais, e no percurso desta vida os próprios apóstolos ensinam que ela deve ser respeitada, e até propuseram viver de acordo com as diferenças raciais entre judeus e gregos como uma regra salutar.”
— Santo Agostinho, sobre a Epístola aos Gálatas (III,28-29)

Santo Agostinho também faz um comentário sobre os etíopes como sendo um povo degradado, mas que pode ainda assim dar frutos sob a graça da Igreja:

“[A] Igreja Católica foi prefigurada, não para estar confinada a alguma parte específica do mundo, como certas seitas estão, mas presente no universo inteiro, dando frutos e crescendo a ponto de alcançar até mesmo os próprios etíopes, isto é, os mais remotos e degradados da humanidade.”
— Exposição sobre o Salmo 72

Certamente, Santo Agostinho não seria considerado politicamente correto hoje, ao se referir aos etíopes como os mais remotos e degradados da humanidade, considerando que africanos subsaarianos apresentam baixo QI e tendência a comportamentos criminosos violentos. Mas, por meio da Igreja, parte disso pode ser corrigida — ainda que não possa ser ignorado em termos sociais. As graças santificantes que a Santa Mãe Igreja oferece podem certamente ajudar grupos de pessoas a superar esses problemas e elevá-los, mas só podem edificar sobre a natureza existente, e não transformá-la essencialmente.

São Cipriano de Cartago sobre a descendência que reflete a semelhança dos pais

São Cipriano de Cartago escreveu a favor, e até proclamou a aprovação divina, da reprodução entre membros da mesma raça, resultando em filhos que carreguem a semelhança dos próprios pais. Certamente, São Cipriano não seria favorável a incentivar a miscigenação, nem aprovaria a ideia de que o cruzamento racial é de algum modo incentivado por nosso Pai Todo-Poderoso no céu.

“Se é motivo de alegria e glória para os homens ter filhos semelhantes a si mesmos — e é ainda mais satisfatório ter gerado descendência quando essa responde ao pai com traços semelhantes —, quanto maior é a alegria de Deus Pai, quando alguém nasce espiritualmente de modo que, em seus atos e louvores, se manifesta a eminência divina de raça!”
— Tratados de São Cipriano de Cartago, p. 1012

Também é interessante observar que Aristóteles expressa a mesma ideia quanto à ordem natural de os filhos se parecerem com os pais. A citação de São Cipriano carrega um eco semelhante à de Aristóteles nesse assunto, mostrando que São Cipriano compartilhava da mesma visão desse grande filósofo não cristão:

“De novo, o pai parece, por natureza, sentir afeição pela prole, e a prole pelo pai, não só entre os homens, mas entre os pássaros e a maioria dos animais; esse afeto é sentido mutuamente entre membros da mesma raça, especialmente entre os homens, razão pela qual louvamos aqueles que amam seus semelhantes.”
— Aristóteles, Ética a Nicômaco, Livro VIII: A Amizade, Capítulo 1

São Tomás de Aquino sobre Etnoestados

Muitos católicos podem se surpreender ao saber que São Tomás de Aquino escreveu a favor da ideia de uma nação ser composta por uma única raça ou grupo étnico — o que hoje se chamaria de um etnoestado. Aquino também escreveu que a diversidade racial e o multiculturalismo levaram à destruição de nações:

“Cabe ao filósofo político determinar se o Estado deve conter homens de uma só raça ou de várias raças... O Estado deve antes consistir de uma única raça, pois uma única raça é unida em seus costumes e hábitos, o que favorece a amizade entre os cidadãos por causa da semelhança que têm uns com os outros. Por isso, Estados que foram compostos por raças diversas foram destruídos devido às dissensões que tinham entre si por causa da diversidade de seus costumes, pois uma parte do Estado se aliou a inimigos estrangeiros por causa do ódio que tinha à outra parte.”

— São Tomás de Aquino, *Comentário à Política* de Aristóteles, Livro III, cap. II

De fato, é verdade que nações racial e culturalmente diversas são disfuncionais em sua essência, levando à destruição inevitável. Sociedades racialmente homogêneas, que compartilham a mesma língua, cultura e semelhança de aparência, são mais desejáveis e mais alinhadas à ordem natural criada por Deus. Deus não teria dividido a humanidade em múltiplas nações e raças se não quisesse que assim fosse.

Apoio de prelados católicos às leis raciais

Em 1938, a Itália, sob o regime fascista de Benito Mussolini, promulgou várias leis proibindo a miscigenação entre italianos e outros grupos raciais, incluindo judeus e negros, num passo para alinhar-se mais estreitamente com as políticas raciais da Alemanha Nacional-Socialista. A resposta católica a essas leis, no entanto, não foi de condenação, mas sim de apoio, conforme demonstrado pelas atitudes do núncio apostólico da Itália (Monsenhor Francesco Borgongini Duca) e do secretário da Congregação para os Assuntos Eclesiásticos Extraordinários (Monsenhor Domenico Tardini). Suas declarações foram feitas em reação à aprovação dessas leis pelo governo italiano.

“Monsenhor Francesco Borgongini Duca, em 21 de outubro de 1938, afirmou que mesmo que a Igreja não possa, em virtude da lei divina, proibir casamentos entre católicos de raças diferentes, é seu dever evitar os males resultantes dessas uniões mistas:

‘[A Igreja] desencoraja com todos os argumentos de que dispõe, por razões morais e higiênicas, as uniões entre brancos e negros, e qualquer tipo de união heterogênea, também para evitar a formação de mestiços, que combinam todos os defeitos das diferentes raças que se misturam.’”

O rascunho escrito dois dias depois por Monsenhor Domenico Tardini (secretário da Congregação para os Assuntos Eclesiásticos Extraordinários, equivalente vaticano a um ministério das relações exteriores) resumiu o papel da Igreja em dissuadir os “cruzamentos muito heterogêneos de raças, que frequentemente levam a resultados infelizes”.

Fica, assim, evidente que esses prelados, falando em consonância com o magistério eclesiástico, afirmaram que a Igreja deveria desencorajar casamentos inter-raciais para evitar os resultados antinaturais e problemáticos dessas uniões. Os casamentos inter-raciais frequentemente são marcados por altas taxas de abuso físico (particularmente em uniões entre homens negros e mulheres brancas), e os filhos dessas uniões frequentemente enfrentam alienação racial em relação à identidade étnica dos pais, além de sofrerem com defeitos congênitos e dificuldades para encontrar doadores de órgãos e medula óssea.

Seria, portanto, de interesse da Igreja facilitar a vida dos fiéis católicos desencorajando tais casamentos, mesmo que não possam ser declarados intrinsecamente pecaminosos, a fim de evitar os fardos disgenéticos e antinaturais que acarretam.

Para mais informações sobre a posição da Itália fascista em relação à raça, o autor recomenda a leitura de *O Catecismo da Raça.*[1]

1 https://bibliotecafascista.blogspot.com/2012/04/the-catechism-of-race-1940.html

Papa Pio XII sobre a salvaguarda das diferenças entre as nações

Pio XII era favorável à proteção e salvaguarda, por parte das nações, de sua própria identidade — o que inclui a composição racial de um Estado.

“A Igreja de Jesus Cristo é depositária de sua sabedoria; ela é certamente sábia demais para desencorajar ou menosprezar aquelas peculiaridades e diferenças que distinguem uma nação de outra. É perfeitamente legítimo que as nações considerem essas diferenças como uma herança sagrada e as defendam a todo custo. A Igreja busca a unidade — uma unidade determinada e mantida viva por aquele amor sobrenatural que deveria animar todos; ela não busca uma uniformidade que seria apenas exterior em seus efeitos e que sufocaria as tendências naturais das nações em questão.

Cada nação possui seu próprio gênio, suas próprias qualidades, que brotam das raízes ocultas de seu ser. O desenvolvimento sábio, o incentivo dentro de limites, desse gênio e dessas qualidades, não faz mal algum; e se uma nação deseja tomar precauções, estabelecer regras para esse fim, tem a aprovação da Igreja. Ela é mãe bastante para apoiar tais projetos com suas orações, contanto que não contrariem os deveres que incumbem aos homens em virtude de sua origem comum e destino compartilhado.”
— Papa Pio XII, *Summi Pontificatus*, 20 de outubro de 1939

De fato, a Igreja não busca tornar todas as nações iguais, nem forçá-las a abandonar sua identidade, o que inclui a constituição racial. A Igreja aprova que as nações e os povos protejam sua raça e até estabeleçam regras e leis para esse fim, o que pode incluir leis que proíbam a miscigenação. Cada nação e cada povo possui dons e habilidades próprios, concedidos por Deus Todo-Poderoso, para que possam usá-los a fim de cumprir sua vontade e agradar-lhe.

Raça: Reflexões de um teólogo

O padre Bonaventura Hinewood foi um frade franciscano que escreveu um livro intitulado *Raça: Reflexões de um Teólogo*, no qual trata extensamente do ensinamento da Igreja sobre questões raciais. Em um capítulo específico, intitulado **"Os direitos das raças"**, ele aborda como a raça é algo bom na ordem da criação, e como a defesa da própria raça é permitida — utilizando a lógica do padre Joseph Folliet:

"Tomando como base os princípios de que a raça é algo bom na ordem da criação, e de que a humanidade é enriquecida pela diversidade de raças, Folliet raciocina da seguinte forma:

Sendo o Ser e o bem convertíveis, a raça, como qualquer outro fator humano não corrompido por erro ou mal, sendo um bem positivo, tem o direito à existência e identidade.

Mas a raça não é um fim em si mesma, pois ela existe para

o enriquecimento da humanidade, à qual é subordinada, e portanto necessariamente relativa. Ela não é, então, a causa imediata dos direitos que lhe cabem, mas sim a ocasião desses direitos — em benefício da humanidade como um todo, cuja plenitude será favorecida quando essas potencialidades raciais específicas forem levadas à maturidade.

Já que a humanidade tem o direito de não ser mutilada pela destruição violenta de qualquer raça, é lícito que uma pessoa sacrifique até a própria vida para conservar sua raça." (*p. 110*)

A defesa da própria raça, até mesmo ao ponto de morrer por ela com vistas à preservação, é aqui apresentada como uma virtude nobre e em conformidade com o ensinamento da Igreja. Certamente, a maioria dos católicos preferiria não ouvir tais palavras, pois isso os obrigaria a tomar parte na defesa da raça branca, deixando para trás os confortos e mentiras do igualitarismo liberal.

O Mito da Igualdade

O padre James Wathen foi um sacerdote católico tradicionalista que escreveu diversas obras, incluindo sua obra-prima *Who Shall Ascend?* (“Quem Subirá?”), de 1994. Nesse livro, há uma excelente seção sobre a questão racial e as mentiras da chamada “igualdade” sob a perspectiva católica.

Trechos do capítulo 10 – “O Mito da Igualdade” de *Who Shall Ascend?*, por Padre James Wathen:

Nas Escrituras, o Deus todo-poderoso estabeleceu como princípio, para que suas criaturas o reconhecessem, que seus pensamentos estão acima dos pensamentos dos homens (isto é, acima do entendimento humano), e seus caminhos, acima dos caminhos dos homens, assim como o céu está acima da terra. (Isaías LV,8).

Não cabe aos homens compreender o que Deus faz; é

suficiente adorarem o que Ele faz. Antes de qualquer outra consideração, Deus deve ser reconhecido como Senhor, transcendente, insondável e sábio.

Nas Escrituras, Deus repete muitas vezes, para que os homens aprendam bem a lição, que Ele fará o que quiser fazer; e de nada adianta questioná-lo. Ele se explicará quando e a quem desejar:
"Vede que sou eu, e não há outro Deus além de mim; eu mato, e faço viver; eu firo, e eu curo, e não há quem possa livrar da minha mão." (Deuteronômio XXXII,39)

Mesmo que suas criaturas não compreendam por que Deus faz o que faz, podem ter certeza de que tudo o que Ele faz é bom; nada que Ele faça pode ser diferente disso. Tudo o que Deus faz e tudo o que Ele cria, pelo simples fato de ser obra sua, é bom.

As marcas da criatividade de Deus são: abundância e variedade. O Divino Artista ama criar coisas; e é de seu agrado criar mais do que o necessário. Não se pode explicar, senão pelo prazer de criar, a exuberância da flora e da fauna na terra, nem o grande número de corpos celestes, a maioria dos quais são apenas enormes rochas girando no espaço, refletindo a luz de estrelas distantes, que os homens consideram engenhoso catalogar.

Além da quantidade, há uma variedade fascinante — e, em alguns seres animados, uma capacidade de variação quase infinita dentro da própria espécie. Além disso, observa-se uma gradação: de coisas muito simples para as mais complexas, das pequenas para as grandes, do inanimado para o inteligente, do físico para o espiritual.

Os evolucionistas veem nisso prova de que as formas superiores de vida derivam das inferiores. O que deveriam ver é que todas as coisas vieram do mesmo Criador, que, como os artistas humanos, tende a repetir, reaplicar e desenvolver as mesmas ideias em diversas criaturas.

Entre os animais do reino terrestre de Deus, há uma admirável interdependência, um sistema de uso e sacrifício. Referimo-nos ao fato de que animais e homens dependem uns dos outros para sobreviver; e, no caso dos carnívoros, alguns vivem apenas com a morte de outros.

Dito isso, deve-se lembrar que pensar nos homens em termos de superior e inferior é uma abordagem equivocada — embora seja inegável que, em sua variedade, os seres humanos são desigualmente dotados em aspectos físicos, espirituais e sobrenaturais.

A palavra-chave aqui não é “desigualdade”, mas **complementariedade**.

Ninguém pode negar que certos grupos de pessoas — assim como indivíduos — possuem talentos e habilidades especiais, ao passo que carecem de outras. É inegável que os italianos têm dons especiais para a arte e a música; que os franceses se destacam em filosofia e teologia; que os ingleses desenvolveram uma excelente língua, e os irlandeses sabem usá-la como ninguém para contar histórias; que os alemães são excepcionais como mecânicos e soldados; que os americanos são grandes inventores; que os mexicanos são excelentes artesãos; os chineses, mestres na marcenaria e nas artes; e os japoneses, engenhosos no aprimoramento das descobertas alheias.

Ninguém pode negar que, em certas características físicas, os negros são dotados para trabalhos manuais e, alguns deles, para o que se pode chamar de “esportes frenéticos”, isto é, aqueles que exigem força e movimento rápido. Nenhum propósito é servido em afirmar que os povos negros, os índios das Américas, os aborígenes australianos ou os esquimós do Ártico são tão intelectual ou artisticamente dotados quanto os de origem europeia. Sugerir isso é inútil e absurdo. É evidente que o princípio da gradação existe, de modo geral, entre os seres humanos, e que Deus distribuiu seus dons de maneira variada entre os povos e as raças.

Esses dons podem ser físicos ou mentais. E não há dúvida de que, desde o princípio, Deus teve um carinho especial por certos povos: como os da França, Itália e Irlanda (sem mencionar Polônia, Lituânia, Portugal e Espanha) — embora não se possa sugerir que tenha sido injusto com outros.

Ademais, como Ele mesmo revela na Sagrada Escritura, apesar de todos os pecados e ofensas que cometam, Ele mantém um amor especial pelos judeus, os quais, um dia, converterá ao amor de seu Filho. (cf. Romanos XI). (Se esse amor se estende aos cázares asiáticos — os judeus asquenazes — o tempo dirá. O fato de terem abraçado zelosamente o Talmude e suas invectivas contra Cristo não parece estar em questão).

Deve-se observar ainda que os povos se orgulham de seus próprios dons — e com razão (com moderação). Os italianos preferem seus tenores e compositores às estrelas do basquete e do boxe da América. Será que os atletas prefeririam ser escritores ou inventores? Michael Jordan gostaria de ser poeta? James Galway preferiria ser programador? Marian Anderson certa vez disse: “Amo o som da minha própria voz.” E quem a culparia por isso? (E, aparentemente, os ingleses preferem ser ingleses a ter os dons de todos os outros povos!)
Parece que apenas os negros preferem não ser negros.

O importante em todas essas considerações é que cada homem é criado por Deus para um propósito particular, e é adequadamente dotado para cumpri-lo. Não é necessário que conheçamos o propósito de Deus para cada indivíduo em seus desígnios augustos; basta sabermos que Deus, por mais prolífico que seja, não é arbitrário, nem descuidado, nem desatento, como dizem os deístas.

Enquanto o liberalismo enfatiza aquilo que torna os homens iguais, o cristianismo se ocupa em ensinar aos homens sua **unicidade** — sua singularidade aos olhos de Deus.
Essa especialidade reside no que Deus deseja de cada um: sua vocação.

Uma vez que alguém recebe o batismo católico, ele se torna completamente diferente — e **superior** a todos os homens que não o receberam.
Após o batismo, o homem é purificado do pecado original, torna-se filho de Deus, membro da Igreja, templo do Espírito Santo — mesmo sendo ainda um bebê e sem saber quem é. Isso, independentemente de seu QI, saúde, tamanho, sexo, raça ou nacionalidade.

Com o batismo, ele se torna cidadão do céu, vivendo temporariamente no exílio, coerdeiro de todos os domínios de Cristo Rei.

E sua alma é transformada em algo tão divinamente belo, que só pode ser comparado aos anjos magníficos — e, de certo modo, ao próprio Deus.

Em comparação com esse dom, que está disponível a praticamente todos os seres humanos, todos os demais atributos humanos não passam de quase nada.

Os liberais objetarão: “Não negamos os efeitos do batismo; quando falamos de igualdade, referimo-nos aos direitos civis e humanos — à igualdade legal.”

E respondemos: tais considerações são tão triviais, que estão abaixo da nossa atenção.

Não que sejam desprezíveis, mas estão subordinadas — e devem ser reconhecidas como subordinadas — ao mistério da salvação.

O que realmente importa não é quem é maior ou menor entre os homens na terra, mas quem é grande na ordem da criação e da graça.

Assim como ninguém pode ser socialista e cristão ao mesmo tempo, também ninguém pode ser liberal e cristão simultaneamente.

E aquele que acredita ser matéria de religião preocupar-se com o bem-estar socioeconômico próprio ou alheio não está pensando como cristão.

“Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos Céus.” (Mt V,3)

Dom Williamson sobre bom senso, miscigenação e desigualdade

Dom Richard Williamson, ex-bispo da Fraternidade Sacerdotal São Pio X (FSSPX), é conhecido por suas posições firmes e polêmicas sobre vários assuntos, incluindo questões raciais. Em diversas entrevistas, ele falou claramente sobre o bom senso com relação às diferenças raciais, afirmando que a miscigenação geralmente não é benéfica nem desejável.

Durante uma conferência em 2014, ele afirmou:

“A miscigenação entre raças muito diferentes geralmente não funciona. Pode funcionar, mas normalmente não funciona. Por quê? Porque Deus criou as raças diferentes. Se Ele quisesse que todos fôssemos iguais, teria feito todo mundo igual. Mas Ele não fez. A própria natureza mostra que há distinções, diferenças, desigualdades. O pai é

superior ao filho em autoridade, e isso não é uma injustiça. É a ordem natural das coisas.”
— Conferência de Dom Williamson, 2014

Além disso, ele comentou em seu blog *Eleison Comments*:

“A ideia de que todas as raças são iguais em tudo é um mito moderno, antinatural, anticientífico e anticristão. A natureza nos mostra distinções claras, não apenas físicas, mas também psicológicas e espirituais entre os povos. Essas diferenças devem ser respeitadas, não apagadas.”

Dom Williamson frequentemente condenava o igualitarismo moderno como uma ideologia anticristã, observando que o Cristianismo nunca ensinou que todos os homens são iguais em dons, inteligência, caráter ou natureza — apenas que todos podem ser chamados à salvação.

Embora suas posições tenham causado escândalo em alguns círculos, elas se alinham com o que muitos santos e doutores da Igreja afirmaram ao longo dos séculos: que Deus é autor da variedade e da ordem, e que a desigualdade na criação não é defeito, mas desígnio divino.

Conclusão

É certo que não estou sozinho em minhas atitudes em relação à raça e à miscigenação. É necessário que os católicos adotem a visão de mundo do realismo racial, e também é importante para os católicos se oporem à miscigenação, dentro das linhas da imprudência e da prevenção de descendência antinatural e insalubre, mesmo que isso não possa ser condenado como intrinsecamente pecaminoso, a menos que, talvez, esteja contribuindo para o genocídio de uma raça. A miscigenação para os brancos hoje é suicídio racial, e com certeza está contribuindo para a destruição da raça branca, que os judeus precisam em ordem para eliminar uma oposição que tem alta capacidade intelectual.

É claro que não condeno nem ataco católicos de raça mista que sejam fruto da miscigenação, pois nasceram em tal situação fora de sua escolha, nem acredito que seja prudente dissolver casamentos já mistos, a menos que haja claro abuso ocorrendo. O que foi feito está feito nos casamentos inter-raciais atuais, portanto é mais frutífero impedir que isso ocorra no futuro do que forçar a dissolução dos existentes. A descendência dessas uniões terá de carregar muitas cruzes, incluindo dificuldades de saúde e questões mentais já mencionadas, além da dificuldade em encontrar cônjuges de composição racial semelhante, se possível. O melhor caminho de ação é

promover atitudes e medidas antimiscegenação em nível social e legal, e proibir totalmente a miscigenação. O clero também deveria voltar a pregar em favor do matrimônio entre pessoas da mesma raça e dos benefícios positivos em conformidade com a lei natural de ter descendência saudável mono-racial, e desencorajar e prevenir futuros casamentos inter-raciais com um tom de prudência.

Rezem por nossa Igreja e rezem para que brancos saudáveis obtenham as bênçãos e o sacramento do matrimônio. Nossa raça branca está na defensiva, e precisamos garantir sua sobrevivência a fim de glorificar ainda mais a Deus e à sua Igreja, de modo que todos possam professar a Realeza Social de Cristo.

Para a Maior Glória de Deus, Kreuzfahrer

Fontes

https://www.newadvent.org/fathers/230614.htm

https://faithandheritage.com/2017/08/st-augustine-on-respecting-racial-differences/

https://www.newadvent.org/fathers/1801072.htm

http://nothingistic.org/library/aristotle/nicomachean/nicomachean55.html

https://books.google.com.br/books?id=IESe7m8Obe4C&pg=PA387&lpg=PA387&dq=%E2%80%9CIt+is+for+the+political+philosopher+to+determine+whether+the+State+ought+to+contain+men+of+one+race+only+or+of+several+races....+The+State+ought+rather+to+consist+of+a+single+race,+for+a+single+race+is+united+in+its+customs+and+habits+which+make+for+friendship+between+the+citizens+by+reason+of+their+likeness+one+to+another.+Hence+States+which+were+made+up+diverse+races+have+been+destroyed+owing+to+the+dissensions+which+they+had+with+one+another+through+the+diversity+of+their+customs,+for+one+part+of+the+State+joined+forces+with+foreign+enemies+owing+to+its+hatred+of+the+other+part.%E2%80%9D&ots=ZKtHN_t9Dh&sig=ACfU3U1nZo4pAkm_tCwfSDjvR51Dg74AqA&hl=en&redir_esc=y#v=onepage&q=%E2%80%9CIt%20is%20for%20the%20political%20philosopher%20to%20determine%20whether%20the%20State%20ought%20to%20contain%20men%20of%20one%20race%20only%20or%20of%20several%20races....%20The%20State%20ought%20rather%20to%20consist%20of%20a%20single%20race%2C%20for%20a%20single%20race%20is%20united%20in%20its%20customs%20and%20habits%20which%20make%20for%20friendship%20between%20the%20citizens%20by%20reason%20of%20their%20likeness%20one%20to%20another.%20Hence%20States%20which%20were%20made%20up%20diverse%20races%20have%20been%20destroyed%20owing%20to%20the%20dissensions%20which%20they%20had%20with

%20one%20another%20through%20the%20diversity%20of%20their%20customs%2C%20for%20one%20part%20of%20the%20State%20joined%20forces%20with%20foreign%20enemies%20owing%20to%20its%20hatred%20of%20the%20other%20part.%E2%80%9D&f=false

https://www.cambridge.org/core/journals/modern-italy/article/race-and-faith-the-catholic-church-clerical-fascism-and-the-shaping-of-italian-antisemitism-and-racism/DC30E92A852D34FD46491FCF550D09CF

https://www.newadvent.org/library/docs_jo23mm.htm

https://acrobat.adobe.com/link/track?uri=urn:aaid:scds:US:1c60762d-a4b4-49aa-baf7-54c7901bf125#pageNum=1

https://www.suscipedomine.com/forum/index.php?PHPSESSID=e4r87jotun6aio919fui09upb0&topic=14901.0

https://www.suscipedomine.com/forum/index.php?topic=14901.15